

O CURRÍCULO, O TEMPO E AS REDES SOCIAIS: LUGARES DE AFETOS OU ACELERAÇÃO DA VIDA?

THE CURRICULUM, TIME AND SOCIAL NETWORKS: PLACES OF AFFECTION OR ACCELERATION OF LIFE?

EL CURRICULUM, EL TIEMPO Y LAS REDES SOCIALES: ¿LUGARES DE AFECTO O ACELERACIÓN DE LA VIDA?

Graça Reis¹ 0000-0002-3444-0317
Soymara Emilião² 0000-0001-6754-6188
Allan Rodrigues³ 0000-0003-0233-7697

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; francodasilvareis@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; emiliaosoymara@gmail.com

³ Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; allanrc@id.uff.br

RESUMO:

A presente proposta de dossiê temático tem como objetivo discutir caminhos e modos produzidos nas brechas e fissuras dos currículos que estão em circulação nas escolas, diante da aceleração do mundo, da fragmentação da atenção e dos interesses que vão sendo acostumados aos tempos das redes sociais. Quais os escapes das criações curriculares que são criadas pelos praticantes das escolas, diante deste tempo que parece cada vez mais curto ou só de likes? Pensar o currículo a partir de outra temporalidade significa desconfigurar uma formação que durante muito tempo foi considerada a ideal, ou seja, um modelo eurocêntrico de pensar-fazer-saber educação como espaço da temporalidade.

Palavras-chave: currículos; redes sociais; tempos.

ABSTRACT:

This proposal for a thematic dossier aims to discuss the ways and means produced in the gaps and fissures of the curricula that are circulating in schools, in the face of the acceleration of the world, the fragmentation of attention and the interests that are becoming accustomed to the times of social networks. What are the escapes from the curricular creations that are created by school practitioners (Certeau, 1994), in the face of time that seems to be getting shorter and shorter or just for likes? Thinking about the curriculum from another temporality means deconfiguring a formation that for a long time was considered ideal, that is, a Eurocentric model of thinking-doing-knowing education as a space of temporality.

Keywords: curriculum; social networks; times.

RESUMEN:

Esta propuesta de dossier temático pretende discutir los modos y maneras que se producen en los vacíos y fisuras de los currículos que circulan en las escuelas, ante la aceleración del mundo, la fragmentación de la atención y los intereses que se van acostumbrando a los tiempos de las

redes sociales. ¿Cuáles son las fugas de las creaciones curriculares que elaboran los practicantes escolares (Certeau, 1994), frente a un tiempo que parece acortarse cada vez más o sólo para gustos? Pensar el currículo desde otra temporalidad significa desconfigurar una formación que durante mucho tiempo se consideró ideal, es decir, un modelo eurocéntrico de pensar-hacer-saber la educación como espacio de temporalidad.

Palabras clave: curriculum; redes sociales; tiempos.

Introdução

A presente proposta de dossiê temático tem como objetivo discutir caminhos e modos produzidos nas brechas e fissuras dos currículos que estão em circulação nas escolas, diante da aceleração do mundo, da fragmentação da atenção e dos interesses que vão sendo acostutados aos tempos das redes sociais. Quais os escapes, as criações curriculares que são criadas pelos praticantes (Certeau, 1994) das escolas, diante do tempo que parece cada vez mais curto ou só de likes?

As tecnologias da informação inseriram as transformações que impactam a vida, as relações com o conhecimento, a criação e a produção de singularidades dos sujeitos, interferindo também na memória e no passado. Não sabemos se esse desenvolvimento é propício à emancipação do ser humano ou outras tantas possibilidades que não temos como cotejar neste momento. O que é possível perceber são os efeitos na sociedade e, é claro, nas escolas e nas formas de estar, pensar, *ensinaraprender*, viver no coletivo escolar. Assim, pensar o currículo em situação de aceleração temporal é o desafio que nos propomos no presente dossiê.

A questão do tempo sempre habitou nossas pesquisas. Nos juntamos aos nossos intercessores acadêmicos (Santos, 2019; Oliveira, 2012; Alves, 2001) produzindo a crítica ao modelo eurocêntrico de pensar-fazer-saber educação como espaço da temporalidade linear que desperdiça as múltiplas e complexas experiências existentes no mundo, na defesa de possibilidades de *espaçostempos* que ampliem a compreensão do campo das experiências credíveis neste mundo e neste tempo e das práticas que ocorrem na vida.

Entretanto, entendemos que se fazia necessário compreender esta temporalidade outra, algorítmica, posta e vivida em nossos cotidianos, uma realidade inegável da disseminação veloz da informação, diante das limitações inerentes à natureza humana e o que essa velocidade podia provocar na produção curricular e na vivência escolar.

Assim, assumindo o mundo em sua complexidade, apreendendo o real na sua unidade e multiplicidade e pensando o mundo pelo imprevisível, o circular, o recursivo e o

transdisciplinar, os artigos que compõem este dossiê se colocam no debate, buscando compreender os efeitos da aceleração do tempo em diferentes aspectos da vida social, tais como filosóficos, pedagógicos, políticos e estéticos e as implicações na esfera intelectual, de modo específico na múltipla produção curricular. Entendemos que os currículos são criados cotidianamente (Oliveira, 2012) a partir da produção de conhecimento dos sujeitos de modos originais, inventivos, irrepetíveis.

No bojo da questão temporalidade/modernidade, existe uma concepção de progresso onde a escola e o currículo são alinhados à ideia de progresso/desenvolvimento em que importantes experiências e saberes são desperdiçados e que promover o empobrecimento da experiência (Santos, 2019). Essa perspectiva de uma educação para o progresso-temporal está embutida nas políticas neoliberais e conversadoras que ditam sobre como deveriam ser as escolas e não como elas acontecem. De modo oposto, nossos estudos apontam para a pluralidade epistemológica do mundo, o que significa reinvenção de um outro mundo, “[...] de um pensamento alternativo de alternativas[...]” (Santos, 2019, p. 9), que problematize os alicerces hegemônicos do pensamento, e das concepções de currículo, escola, estudante, escola e professor como único.

Assim, nos questionamos pluralizando sentidos: quais os tempos das escolas e de seus sujeitos? Quais são os tempos de pensar e criar outros currículos? Quais os usos/consumos (Certeau, 1994) estamos fazendo das redes sociais no campo da educação? Estamos sendo consumidos pelas redes ou fazendo uso dos produtos disponíveis para criar artefatos e alternativas diante das contingências? Será que é possível pensar currículos na perceptiva circular, com mais envolvimento do que desenvolvimento (Bispo dos Santos, 2023), onde só existe o início, o meio e o novo início? Será possível, como forma de resistência à aceleração do tempo, operar através de outras lógicas, tais como da *cosmopercepção*, pensada por Oyèwùmi (2021), a partir de uma compreensão sagrada da natureza, como as que movem as estações do ano e os ritmos da sementeira, da floração e da colheita? Ou ainda, através da noção de tempo espiralado (Martins, 2021, p.45), que não elide as cronologias, mas que as subvertem, e como “[...] um meio pelo qual se espargue por todo o cosmos, a cinesia originária sagrada constantemente em processo de expansão e catalização[...]”.

Nesse sentido, apostamos num dossiê que busca pensar os cotidianos escolares que inventam formas de resistência e transgressão às estruturas de uma temporalidade, de um “cronos” outro que, além de linear, é veloz. Diante do esgotamento do projeto moderno, apoiado no cientificismo, que não se articula com a diversidade de saberes existentes no mundo, e que

estabelece caminhos únicos, classificáveis e totalizantes para a produção e validação de conhecimentos, pensamos ser importante apontar um mundo complexo e modificado cotidianamente por redes interativas.

Nosso objetivo central é colocar em debate artigos que repensem e reavaliem as normas predominantes nos estudos de currículos sobre o tempo e os usos das redes sociais. Nesse sentido, é questionar como os currículos vêm sendo criados na discussão entre a temporalidade e as temáticas de gênero, racismo, capacitismo e outros tantos tão importantes que refletem as bases das relações humanizadoras e de experiências. É possível pensar uma outra relação com as redes sociais, escolas, tempos e currículos? Como vivenciar as escolas como *espaçotempo* de *aprenderensinar* diante da entrada das redes sociais, da velocidade e quantidade de informações que são parte da vida de todos na contemporaneidade? As redes sociais podem veicular e/ou tecer outros tempos e afetos? Se andamos em constelações, qual o nosso tempo? Em quais tempos se inserem os atos educativos? Quais são os *temposespaços* que propiciam as criações curriculares dos sujeitos das escolas?

Para isso, na tentativa de buscar respostas aos questionamentos que nos atravessam como sujeitos da experiência, que vivem e são atravessados pelos acontecimentos, priorizamos abordagens *epistemoteoricopolíticometodológicas* que se encaminham para propostas de rupturas com o paradigma eurocêntrico de tempo, progresso e sujeito e para propostas de usos das redes sociais como espaço de expansão da vida, de base qualitativas e que compreendem o mundo pelo Sul.

Para iniciar nossas conversas curriculares sobre o dossiê abrimos nossa gira com o texto intitulado **Os cotidianos, suas vivências e circulações no ‘dentrofora’ das redes sociais**, das autoras **Alessandra Clada, Izadora Ovelha e Maristela Cerdeira**. Elas apostam nas criações curriculares criadas pelos praticantes das escolas que, diante das inúmeras possibilidades de criações curriculares, configuram-se como um horizonte inspirador. Essa perspectiva se entrelaça de forma profunda com o que iremos narrar aqui, onde o *‘verouvirsentirpensar’* ecoa como um convite à criação de currículos que respeitem as diversidades e que sejam, na medida do possível, mais participativos. Considerando que, atualmente, as crianças e jovens em fase escolar estão utilizando cada vez mais as redes sociais, o que antes poderia ser só uma opção para as instituições utilizarem, agora passa a se revelar enquanto caminho natural para a criação de mais conexões com alunos, professores e responsáveis. É importante pensar que nossa vida social e escolar permeia muitos movimentos culturais. Pesquisar com os cotidianos nos permite, em alguma medida, compreender a complexidade da realidade das tantas redes educativas que

formamos e que nos formam. Pensando nisso, resolvemos navegar pelo Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas pela sociedade em geral, na intenção de ‘*versentirpensar*’ professores que usam essa interface como uma ferramenta de circulação científica e divulgação das suas ‘*prácticasteoriaspráticas*’ no processo de ‘*conhecimentossignificações*’.

Já o texto **A aprendizagem de bons hábitos brincantes digitais: linhas de fuga**, elaborado por **Adilson Cristiano Cleber Ratto**, vai na direção de investigar as linhas de fuga do dispositivo do desenvolvimento, baseando-se em estudos já publicados em torno do brincar das crianças em relação às tecnologias digitais na Educação. No dispositivo do desenvolvimento, observamos que este agencia saberes e práticas educativas da infância onde se efetiva o brincar com tecnologias digitais como um meio para estimular o desenvolvimento cognitivo (progressivo) e fornecer suportes facilitadores para a aprendizagem escolar. Um dos elementos centrais desse dispositivo está ligado ao hábito, percebido como fundamental para a formação de um aprendiz contínuo, especialmente em termos certos ideais de atitudes, ética e valores. Aqui se trata de um currículo-maior, composto por linhas molares, que estabelece um sistema de orientação através do qual as estruturas nos organizam e nos definem como sujeitos lineares. Nessa perspectiva, esse texto explora o entendimento de hábito presente nesse dispositivo (pois há uma ideia de passividade atribuída ao hábito) a partir das suas linhas de fuga, isto é, as experiências e ideias dos autores que, por vezes, não foram totalmente exploradas, permanecendo enquanto virtualidade. Ao olhar para essas linhas de fuga, emerge o entendimento do aprendizado brincante digital como um processo de cultivo, potencializando as habilidades cognitivas existentes. Essa ideia de cultivo implica criar ambientes propícios para o surgimento e desenvolvimento de potenciais, enfatizando o cuidado mútuo e o crescimento entre aprendizes e educadores. Trata-se de pensar um currículo-menor que, ao fomentar o cultivo, o cuidado mútuo e a brincadeira entre aprendizes e educadores, traça linhas de fuga que podem desterritorializar o currículo-maior com sua estruturação da subjetividade.

O próximo texto, intitulado **Atravessamentos das mídias nas docências, currículos e afetos em um CMEI de Serra/ES**, escrito por, trata de atravessamentos das mídias nas práticas docentes, curriculares e no imaginário da comunidade escolar; a partir de um episódio narrado em primeira pessoa em uma rede social, com repercussões na imprensa tradicional local, com problematizações que levam a indagar o lugar da escola, das docências e dos afetos na composição curricular em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de Serra no Estado do Espírito Santo, Brasil. Objetiva cartografar as ressonâncias discursivas que reverberam por entre mídia e professoras, na tentativa de visibilizar os efeitos de tais discursos

nos afetos docentes. Toma como intercessão teórico metodológica os delineamentos das redes de conversações, como modo de resistência aos discursos midiáticos, que delimitam o lugar da escola, ao falar sobre e não com a escola. Faz uso de apontamentos teóricos com que problematizam a escola como lugar de vida e resistência. Aposta em experimentações brincantes, pelas composições teórico-práticas, dialógicas e afetivas, a partir de uma escuta atenta aos contextos *vivospraticados*, como condição de aceleração dos processos vitais, na invenção de mundos possíveis que possam afirmar a vida e a aprendizagem como força, frente aos desencontros e às mazelas sociais.

Carmem Gabriel, Gabriela Arosa e Juliane Oliveira conversam conosco em seu texto **Processos de subjetivação e objetivação em conversa com professores de história (na) sobre a era digital**, que tem como proposta – por meio da construção e análise de uma roda de conversa online e em conjunto com a sistematização das respostas que professores-pesquisadores de história conceberam a um questionário – fixar alguns dos sentidos de conhecimento histórico escolar evidenciados a partir do campo discursivo construído. Para tal, basearam-se na conversa como uma metodologia de pesquisa, nas considerações dos estudos biográficos, autobiográficos e na teoria do discurso pós-fundacional como lentes teórico-metodológicas que construíram para ler/fazer o mundo. Identificaram que coabitam sentidos distintos de conhecimento histórico escolar entre os docentes de história. E, principalmente, que tem se convertido em demanda desses professores, mediante a difusão do polo da emissão e da ubiquidade, a necessidade de diferenciação entre as formas de produção de conhecimento como traço de subjetivação docente. Recoloca-se, assim, no centro da discussão, a questão do conhecimento como definidor, mas não exclusivamente, dos sentidos de escola na contemporaneidade.

O texto intitulado **Espaços e tempos do currículo e espaços de autoexpressão e de resistência dos jovens estudantes: stories**, de **Maria da Graça e Fernando Jose**, explora as narrativas instantâneas ou efêmeras, conhecidas como “stories”, criadas por jovens nas redes sociais digitais, especialmente no Instagram. Essas narrativas são analisadas no contexto educacional, destacando-se como podem ser incorporadas ao currículo escolar para promover autoexpressão, resistência e transformação social. A pesquisa adota uma abordagem teórica crítica para articular os tempos e espaços do currículo com as práticas digitais dos estudantes educandos, evidenciando a necessidade de um currículo dinâmico, inclusivo e conectado às experiências culturais e pessoais dos alunos. Essa articulação exemplifica a potência das práticas cotidianas em reconfigurar espaços usuais e criar formas de interação e empoderamento

educacional e social.

Pensar, criar e (re)criar modos outros de produzir currículos. O texto de **Raquel da Silva** e **Edméa Santos** apresenta possibilidades em outras dimensões para os usos dos artefatos tecnológicos como modos de pensar os currículos e as vivências. **Clube de leitura EscreVivências Ciberfeministas: construção do desenho didático on-line** é o título do trabalho apresentado pelas autoras, que visa apresenta o desenho didático arquitetado para o desenvolvimento do clube de leitura EscreVivências Ciberfeministas. O clube é fruto da pesquisa desenvolvida no estágio de pós-doutorado junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que teve como objetivo forjar atos de currículo através da criação de um novo dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura realizado no segundo semestre de 2023. O clube de leitura EscreVivências Ciberfeministas contou com participantes sujeita/e/os graduandos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e docentes da rede pública e privada da educação básica. O percurso metodológico se ancora nos aportes da pesquisa-formação, com bases epistêmicas inspiradas na multirreferencialidade, na cibercultura e nos estudos dos/com/nos cotidianos. Trazemos apontamentos sobre a importância da estruturação de cursos on-line pensados a partir da perspectiva de promoção de situações de aprendizagem, pautados na interatividade e hipertextualidade.

Já o texto **Quando a rede social se faz currículo: pensando o Instagram na problematização do capacitismo**, produzido por, visa colocar os sujeitos com e sem deficiência em protagonismo. Através das redes sociais, sujeitos com e sem deficiência têm protagonizado a discussão sobre inclusão. Esse texto busca compreender como o perfil de Ivan Baron no Instagram atua como um currículo cultural para ensinar sobre capacitismo e inclusão. A pesquisa empreendeu uma análise qualitativa do perfil, inspirada na Netnografia. O Instagram apresentou-se como uma importante ferramenta pedagógica, com claro objetivo de ensinar sobre o capacitismo. Foram classificadas três categorias que se destacaram, tanto em termos de métricas quantitativas, como curtidas e visualizações, a saber: eventos cotidianos, humor e trends educativas. O perfil em questão demonstrou potencial na discussão e reflexão das variadas facetas do capacitismo, atuando divulgando e denunciando o tema que é, por vezes, tido como imperceptível ou ignorado.

Para desterritorializar, é preciso (des)compor o território com/na diferença, por uma didática da diferença. Nesse sentido, o texto intitulado **Uma drag queen na sala de aula: desterritorialização de gênero em tempos de pânico moral**, de **Tássio Acosta** e **Tiago Duque**, tem como objetivo analisar uma notícia on-line e os comentários realizados por leitores

referentes a um professor que ministrou aula montado de drag queen no que se refere ao currículo e à pedagogia cultural das masculinidades. Metodologicamente, os dados foram levantados a partir de etnografia digital feita em um site jornalístico em que ela foi publicada. A perspectiva teórica adotada é a pós-crítica em Educação. Compreendeu-se o quanto as críticas positivas e negativas à atuação profissional dele indicaram currículo-pedagógicamente a masculinidade que tem sido produzida em contextos de pânico moral e antiagendas dos Direitos Humanos. Ao mesmo tempo, a desterritorialização do gênero pela performance protética de uma drag em uma instituição escolar permitiu ampliar processos de reconhecimento para além de uma expectativa hegemônica em termos da diferença sexual.

Ana María Bermúdez Alfaro e Fernando Fogaça brindam-nos com o texto **Temporalidades aceleradas no neoliberalismo: um olhar para a escola contemporânea**, cujo objetivo é discutir como as temporalidades de diferentes acelerações podem contribuir para pensar o espaço e os currículos da escola contemporânea. Para isso, dividiu-se o trabalho em três partes. Na primeira, apresentou-se o conceito de aceleração e seus efeitos na dimensão subjetiva mediante argumentos advindos do campo da Psicologia. Na segunda, investigou-se a aceleração e como ela tem figurado nas temporalidades características da contemporaneidade. Na terceira, traçou-se uma distinção analítica entre a escola moderna e a escola contemporânea a fim de se verificar os efeitos das temporalidades nos currículos escolares. Dessas análises, concluiu-se que a experiência temporal da aceleração é produzida pelo neoliberalismo e tem efeitos nos processos de subjetivação por meio do governo temporal. Verificou-se a existência de múltiplas temporalidades, aceleradas e desaceleradas, que são impulsionadas pela concorrência típica do neoliberalismo e coexistem no mundo social e em nossa subjetividade. Em relação à escola contemporânea, percebeu-se que os seus currículos têm sido constituídos por temporalidades aceleradas que possuem formas sincronizadas e dessincronizadas. Por fim, demonstrou-se a tese de que tanto a norma de conduta quanto o modelo de subjetivação neoliberal pode ser compreendido desde uma perspectiva temporal que produz efeitos na escola contemporânea.

Afroinfância: entre o cotidiano da escola e as redes sociais é o título do texto de **Carol Adeswa e Jane Rios**. O texto das autoras narra a experiência do projeto Afroinfância, que se fundamenta nas ideias de Molefi Kete Asante sobre o paradigma da afrocentricidade. O projeto Afroinfância busca reescrever a narrativa da história da África e se aproximar das tecnologias africanas de educação. Por meio das redes sociais, o projeto desafia as práticas curriculares tradicionais e influencia a formação de professores, incentivando-os a repensar

suas abordagens educativas para melhor atender às necessidades das crianças negras. Assim, o artigo busca apresentar as narrativas de professoras que, em contato com o projeto, refletem sobre processos educativos incorporando princípios curriculares fundamentados no paradigma afrocêntrico, principalmente na Educação Infantil. O Afroinfância destaca a importância de uma educação que não apenas identifique o racismo, mas também valorize as contribuições africanas para a humanidade e, conseqüentemente, o pensar e fazer educação. Em suma, o Afroinfância se posiciona como um espaço formativo virtual importante para repensar e promover fissuras dentro do currículo da Educação Infantil, centrando as experiências africanas e afro-diaspóricas para construir um outro modelo de educação, não hegemônico.

Como já afirmamos, nossas apostas políticas, teóricas e metodológicas vão no sentido de pensar outros modos de produzir o conhecimento científico e educacional. Nossas pesquisas partem de uma compreensão sempre coletiva pelos começos e meios, e novos começos. As redes educativas nas quais estamos filiados trabalham com as noções de ampliação das noções de tempo, de currículo, de escolas, de conhecimento e de redes sociais. Por isso, o pensamento de Nego Bispo, que foi filósofo, poeta, escritor, professor, ativista político, militante social e um dos principais representantes do pensamento quilombola, que criou o conceito de contracolonialismo, como atitude de reforçar a cultura, práticas, organização social, todas as manifestações coletivas de povos colonizados contra os esforços de imposição dos colonizadores, está presente neste dossiê. Nesse sentido, o autor **Diego de Matos Gondim** convida-nos a partir da resenha do livro “a terra dá, a terra quer”, lavrado por Antônio Bispo dos Santos para pensarmos outros modos de produzir conhecimentos. Palavra do Diego: uma tentativa de ocupar quintais e cozinhas quilombolas para brincar com e partir do livro “a terra dá, a terra quer”, lavrado por Antônio Bispo dos Santos. Se se trata de uma “resenha” é porque faz uso desta forma textual para resenhar com o lavrador mencionado, como quem expressa em brincadeira a possibilidade de produzir roças de quilombo e, com isso, lançar impertinências à escola, ao currículo, e aos modos de pensar a educação.

Nosso dossiê é composto por uma sessão de demanda contínua. São textos que dialogam de alguma forma com nossos princípios éticos, estéticos, metodológicos e políticos de pensar, fazer e criar os currículos em suas múltiplas interfaces.

O texto **Profissão docente e currículo narrativo: reflexões sobre a formação docente**, escrito por **Cidney Junior** e **Otilia Nóbrega Alberto Dantas**, analisa a construção de itinerários formativos para a formação docente. Examina trajetórias e saberes cruciais para a formação de educadores, com ênfase na reflexão sobre a prática pedagógica. Com base nesses

autores, enfatiza-se a relevância das narrativas pessoais dos professores para revelar o conhecimento tácito inerente à profissão docente. Essas histórias de vida constituem uma epistemologia singular da docência, fornecendo a base fundamental para a formação de futuros professores. Dessa forma, lança luz sobre a importância de reconhecer e aproveitar as experiências individuais dos educadores como alicerces para a formação pedagógica.

Já o texto de autoria de **Grassinete Oliveira** e **Jacson da Silva Queiroz**, intitulado **Pedagogia da/na/para a liberdade: uma perspectiva decolonial sobre o currículo escolar brasileiro**, tem como objetivo refletir, no contexto da escola pública brasileira, a herança de um currículo escolar carregado de pressupostos coloniais, tradicionais e como reprodutora de culturas e saberes impostos pela lógica europeia. Como aporte teórico, pautaram-se em autores que argumentam ser imprescindível repensar o lugar da educação como espaço de ruptura de um status quo que desconsidera o sujeito conhecedor de sua própria realidade e inviabiliza os contextos de lutas dos que vivem às margens da sociedade. Nessa direção, partiram de um tema presente no currículo escolar brasileiro para uma proposta de educação decolonizadora, IN-Trans-disciplinar e transgressiva no intuito de abrir caminhos para novas práxis educativas.

A construção de currículos por meio de metodologias ativas, de **Getúlio Antero de Deus Júnior**, Todavia, as metodologias ativas apresentam controle, monitoramento e avaliação de todo o processo de ensino-aprendizagem, ao passo que as estratégias de trabalho docente, não necessariamente têm essa intenção. Sendo assim, as metodologias ativas de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPj) são apresentadas de forma estruturada, como candidatas em potencial para uso na Educação Superior. Ademais, são apresentadas novas possibilidades para as estruturas que compõem um currículo, denominadas células curriculares, propostas a partir de quatro modelos: (a) célula curricular que utiliza apenas a metodologia ativa de ABP (modelo A); (b) célula curricular que utiliza apenas a metodologia ativa de ABPj (modelo B); (c) célula curricular híbrida que utiliza as metodologias ativas de ABP e de ABPj (modelo C); e (d) célula curricular híbrida que utiliza as metodologias ativas de ABP e de ABPj, e aulas expositivas dialogadas (modelo D). A partir de pequenas modificações nos modelos B e C das células, é apresentada uma proposta de estruturação do currículo para um Curso de Especialização Lato Sensu em Engenharia Intercultural. Os desafios na implantação das metodologias ativas são enormes, e a busca da inovação curricular não pode vir repentinamente ou radicalmente.

Natália Cristina de Oliveira e **Camila Aparecida Ferreira** são autoras do texto **Currículo escolar e a organização do ensino: BNCC e o componente curricular Projeto de**

Vida, o qual objetiva discutir concepções de Currículo Escolar a partir de uma abordagem histórica. A iniciativa tem como princípio compreender o currículo contemporâneo expresso a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua intersecção com componentes curriculares contemporâneos emergentes, a saber, o Projeto de Vida. Embasada na Pedagogia das Competências, a BNCC utiliza como instrumento norteador uma agenda para a juventude (Banco Mundial, 2018), proveniente do relatório de Competências e Empregos do Banco Mundial (BM). Utiliza como aporte teórico as competências socioemocionais como embasamento para a manutenção de empregos. Desse modo, articulado para atender essa nova demanda atrelada à legislação brasileira, o componente curricular Projeto de Vida nasce como ementa estrutural que pretende, a longo prazo, garantir o pleno desenvolvimento dos estudantes. Debruçados na teoria crítica, comprovam a premissa de que – a partir do exposto – há um esvaziamento do saber sistematizado. A disciplina Projeto de Vida manifesta-se como uma adequação dos estudantes aos modos de produção capitalista em razão da mera qualificação para funções novas e/ou habituais de trabalhos imediatistas.

São muitas as pesquisas sobre os modos de pesquisar com/no os cotidianos das escolas. O texto **Professores de língua portuguesa em formação nas/das/com as redes dos cotidianos escolares** é uma aposta estética e política nos estudos das práticas docentes e dos cotidianos. Os autores **Anayle Queiroz Pinto, João Luiz Barros e Victor Oliveira** seguem na busca da valorização nos processos formativos de professores, as astúcias, as singularidades e as subjetividades das *práticas políticas* nas/das/com as redes cotidianas escolares. Teve-se como objetivo principal problematizar as tramas de professores de Língua Portuguesa em formação, bolsistas egressos(as) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da Universidade Federal do Amazonas (PIBID/UFAM), tecidas nas redes de *saberes-fazeres* dos/nos/com os cotidianos de escolas públicas estaduais de Manaus-Am. A inspiração teórico-metodológico-política foi dos estudos dos/nos/com os cotidianos escolares no Brasil, sob a luz da teoria do cotidiano de Michel de Certeau. As imagens-narrativas relatam as *práticas políticas* dos currículos-formação das professoras produzidas nas tessituras coletivas de afetos, trocas, negociações e conflitos, que são potencialmente significativos à formação docente contínua.

Ronivaldo Almeida e Rosane Jesus são os autores do texto de imagens cujo título é **Experiência formação: a fotografia na formação inicial de professores**. Eles apresentam os resultados de uma pesquisa de mestrado, visando compreender como a fotografia participa da formação inicial de professores(as) de uma Universidade estadual, lotada no interior da Bahia. Numa perspectiva qualitativa, a pesquisa descritiva utilizou o dispositivo de Grupos de

Experiências (GEs), nos quais foram produzidos dados e informações sobre como os(as) licenciandos(as) se relacionavam com a fotografia em sua dimensão de produção e recepção. Os dados produzidos no campo foram analisados a partir das contribuições das hermenêuticas filosóficas. Diante do uso massivo e automatizado da fotografia na atualidade, compreende-se que a experiência com a fotografia na sua dimensão de produção e recepção pode ser uma experiência formativa no sentido de colocar o intérprete em relação com suas histórias de vida, oferecendo outros horizontes de mundo capazes de atualizar preconceitos em direção à construção de existencialidades inventivas/inventadas. Diante disso, como a polissemia fotográfica pode forjar uma pedagogia da *experiênciaformação*?

Currículo integrado no curso de formação pedagógica EAD: diferentes concepções dos professores (as) formadores foi elaborado por **Luciana Paslauski Knebel** e **Caron Cambraia**. O texto parte de um estudo que tem o objetivo de destacar as diferentes concepções de currículo integrado dos professores formadores – não licenciados – com ênfase no curso Formação Pedagógica, na modalidade de Educação à Distância (EAD), valendo-se de narrativas. Com isso, a pergunta de pesquisa é: Que concepções de currículo integrado possuem os professores formadores do curso da Formação Pedagógica EAD? Trata-se de abordagem e característica qualitativa, cuja produção dos dados se utilizou da técnica de entrevistas semiestruturada com os professores formadores. Para análise e discussão dos dados, aplicamos o método com base na teoria da Análise de conteúdo. Para produção dos dados – primeiramente –, identificamos os professores formadores que atuam no curso e realizamos as entrevistas. Nas análises, definimos categorias anteriores e posteriores à entrevista. As categorias anteriores foram definidas a partir das respostas dos professores que se aproximam do referencial teórico sobre o Currículo Integrado. As categorias posteriores foram produzidas depois da análise das entrevistas que possibilitou novos entendimentos sobre o Currículo Integrado. Constatamos que o Currículo Integrado, em uma instituição de ensino da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), viabiliza a integração entre a formação geral, técnica e política, e que se avance para abrir novos caminhos no desenvolvimento das ações pedagógicas e políticas para transformar a sociedade.

Já o texto **Da reforma Francisco Campos ao movimento Revoga Já: trajetória do Ensino Médio na legislação brasileira**, das autoras **Marta Barbosa Satiro de Araujo** e **Heloize da Cunha Charret**, conta sobre o processo histórico do Ensino Médio no Brasil. A história do Ensino Médio no Brasil é um reflexo das mudanças socioeconômicas pelas quais o país passou desde a Proclamação da República até a atualidade. O objetivo deste artigo não é

focar em tais fatos e sim analisar as políticas curriculares do Ensino Médio no Brasil a partir da Reforma Francisco Campos até a Reforma do Novo Ensino Médio efetivada na Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017). Para alcançar tal propósito será feita uma leitura das principais leis que marcaram esse nível de ensino com o intuito de debater sobre os embates políticos que situaram o contexto contemporâneo de grandes mudanças curriculares e seus reflexos na autonomia discente enquanto seu papel ativo neste processo de aprendizagem, utilizando o conceito de estratos do tempo e o quadro de políticas públicas. Ainda neste estudo contemplam-se os efeitos que o movimento hashtag #Revoga já Novo Ensino Médio encaminhou e os resultados alcançados até o momento, a saber, abertura da consulta pública e a posterior divulgação dos seus resultados, indicando uma transparência maior em relação à momentos anteriores e um avanço no que diz respeito às políticas públicas educacionais.

Na composição do dossiê, finaliza com uma entrevista-conversa, na perspectiva de Eduardo Coutinho (1997), em que se aposta nos encontros e conversas cotidianas na/da pesquisa como um momento de partilha de experiências e reflexões tecidas para pensar um currículo possível em suas diferentes e múltiplas formas.

Assim, conversamos com a professora Janete Magalhaes de Carvalho, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em que ela aponta que os currículos e os docentes e as narrativas produzidas por esses são como modos de dizer: constituem-se como expressão das singularidades e de modos de fazer que atravessam a dimensão do virtual. Para Carvalho (2011, p. 45), “[...] o poder de agir constrói valor de baixo para cima, se ele transforma o valor de acordo com o ritmo daquilo que é comum a todos e se ele se apropria constitutivamente das condições materiais de sua própria realização”. Nessa perspectiva, as conversas, quando compreendidas como força expansiva, resultam numa dimensão que envolve discursos, textos, imagens, sons, silêncios, entre outros.

Nesse sentido, o dossiê se configura em conversações (Carvalho, 2011), com os pesquisares que o compõe, que entram no fluxo linguístico em que conhecimentos, linguagens, afetos e afecções que estão em circulação nas práticas, essas sempre preme e nunca dissociadas de teorias. Com a noção do conhecimento em redes, da dúvida e da incerteza permanentes no ato de pesquisar, nos faz entender que a tessitura aqui realizada, potente e provocadora, ainda se configura como impossibilidade de verdade e de um entendimento absoluto, aceitando os pontos cegos e a incompletude daquilo que conhecemos, discutimos e aprendemos.

Nesse sentido, apostamos *epistemometodologicamente* nas rodas de conversas ou outros meios de interações entre pesquisador-pesquisado, que se constituam o espaço da investigação,

e que preservem a amplitude, complexidade da vida e inserindo múltiplas possibilidades de “contar” o mundo (Alves, 2001). São pontos de partida para pensar outros modos de operar com as pesquisas no campo dos estudos com os cotidianos, pois propiciam um mergulho (Alves, 2001) através do fluxo narrativo entre os sujeitos em diálogo, em que os múltiplos contextos cotidianos circulam em palavras, tornando-se vivos e pulsantes, por intermédio da alternância não combinada, pela intimidade que vai sendo possível diante de regras previamente expostas, possibilitando a fruição de impressões, sensações, conhecimentos e experiências de uma razão aquecida pelos sentidos e sentires .

Vejamos um trecho da entrevista, que permite perceber o fruir da conversa que enreda e horizontaliza os pares, constituindo-se, assim, importante para a compreensão e ampliação de diferentes fenômenos e acontecimentos que atravessam o campo do currículo e da docência.

[...]Na contramão do cartesianismo, nós somos a natureza, ela não existe separada de nós. O conhecimento não se dá pela via exclusiva ou prioritária da razão; conhecemos de corpo inteiro, vivemos imersos no cosmos: viver é conhecer, conhecer é viver! Vivemos na produção dos afetos e das afecções que são possíveis de serem produzidos nos encontros entre os corpos e os movimentos do pensamento. Quais as possíveis vivências que eu percebo a partir, evidentemente, do trabalho e da leitura deleuziana da obra de Espinosa. Todos os produtos, os cenários, as aprendizagens decorrem do “fazer com”. Afeto, desejo, potência de agir, alegria e tristeza são vitalidades que se materializam em espaços de céu, terra e água e configuram processos criativos, sensíveis, artísticos, corporais. São práticas de empoderamento coletivo em que seres/grupos brincantes se envolvem e desenvolvem em estado do bem-viver: princípio do conhecimento ancestral andino, que se refere à plenitude individual e soberania política grupal, em conexão com todos os seres que constituem a aldeia, o mundo.

Evidentemente, com um currículo determinado previamente a partir da BNCC, extremamente hierárquico, centralizado, baseado em competências e habilidades, a prioridade não é o “fazer com”, pois já está determinado o que deve ser ensinado e aprendido induzindo à passividade. Porém, como sair da passividade? Enfim, como passar da paixão à ação? Ou, como diria Espinosa, como nos tornarmos causa adequada, isto é, causa total dos efeitos daquilo que se passa em nós? Ou como diria Derrida: como produzir currículos e docências em políticas de amizade?[...] (Rodrigues; Emilião; Carvalho, 2024, p. 4).

Assim, este dossiê foi tecido partindo da compreensão da urgência em pensar os modos *epistemológico-político-metodológicos* de produção de currículos, compreendendo que o “[...] mundo em si mesmo é a forma como ele é dito e pensado [...]” (Pais, 2003, p. 66), porque a realidade é sempre uma forma de interpretação. Nos currículos, muitos saberes se entrelaçam e nutrem corpos, vidas, modos de ver, compreender, ler e se pensar, para além das políticas do silenciamento, normalização, progresso e temporalidade acelerada. Assim, convidamos todos para cantar-escrever textos que permitam pensar outro tempo, outras relações com redes sociais, como canta Caetano Veloso em *Oração ao tempo* (1979):

Ainda assim acredito,
ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo.

Desejamos que o conjunto de pesquisas aqui presente coloque em conversação as diferentes criações tecidas a partir de cosmovisões e que essas ampliem as possibilidades de ser e existir neste mundo, modos outros de narrar a vida e a pesquisa em educação. Diante do cenário movente e precário, de considerações parciais e provisórias, desejamos que a constelação de artigos que compõem este dossiê nos provoque a pensar em práticas para outros possíveis, em outros tempos e no uso inclusivo das redes sociais que possibilite cotidianos mais solidários e sensíveis, socialmente e cognitivamente justos.

Agradecimentos

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP et alli, 2001. p. 15-28.

BANCO MUNDIAL. **Competências e empregos**: uma agenda para a juventude: síntese de constatações, conclusões e recomendações de políticas. Brasília, DF: Banco Mundial, 2018.

BISPO DO SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães. A razão e os afetos na potencialização de “bons encontros”

no currículo escolar: experiências cotidianas. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011. p. 28-52.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 165-191, abr. 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Forte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

ORAÇÃO ao tempo. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: CINEMA transcendental. **Intérprete**: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: PolyGram Studios, 1979. 1 CD, faixa 2.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Graça Reis. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8674157963018100>.

Soymara Emilião Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pedagoga da Prefeitura Municipal de Niterói- Rio de Janeiro, Brasil. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3588607838898010>

Allan Rodrigues. Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente na Universidade Estácio de Sá e Universidade Federal do Rio de Janeiro. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4371295579248202>

Como citar

REIS, Graça; EMILIÃO, Soymara; RODRIGUES, Allan. O currículo, o tempo e as redes sociais: lugares de afetos ou aceleração da vida? **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 17, n. 2, e71306, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v17i2.71306>.